

## RODA GRIÔ - CONQUISTAS, EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS: APRENDER COM O APREENDER FAZENDO.

### WHEEL GRIÔ - ACHIEVEMENTS, CHALLENGES AND EXPERIENCE: LEARNING WITH LEARNING BY DOING.

Francis Musa Boakari<sup>1</sup>  
Raimunda Nonata da Silva Machado<sup>2</sup>  
Francilene Brito da Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** Relatamos aqui o processo de constituição do Núcleo de Estudos Roda Griô-GEAfro: Gênero, Educação e Afro-descendência. Destacamos sua metodologia de ação, na perspectiva da descolonização, cosmovisão de autoafirmação, com abordagem qualitativa de análise documental, compilando atividades acadêmicas realizadas no período de 2010 a 2013. Valorizando as tradições dos Griôs da África ocidental e sustentando-nos em autores como Bondía (2002), Mignolo (2003) e Santos (2010), apresentamos contribuições desse Núcleo na construção de saberes de gênero e afro-descendência, por meio de produções de monografias, dissertações, teses, artigos e eventos científicos, dentre outros, e na educação escolar e social, por meio da análise da trama e urdidura dos diálogos, em que as vozes subalternizadas são evidenciadas com ênfase no recurso da oralidade em contações de histórias.

**Palavras-chave:** Roda Griô. Trajetória. Experiências. Saberes.

**Abstract:** This report presents the process of creation of the Center of Studies *Griô-GEAfro Wheel*: Gender, Education and Afro-descent. We highlight its action methodology, from the point of view of the decolonization process, within a self-affirmative cosmovision, in a qualitative approach of documental analysis, by compiling academic activities which took place in the period between 2010 and 2013. Adding value to the Western African traditions of the *Griôs* and relying on authors such as Bondía (2002), Mignolo (2003), and Santos (2010), we present contributions from this Center for knowledge formation based on gender and afro-descent. This is achieved by means of the production of monographies, dissertations, theses, articles and scientific

---

<sup>1</sup> Pos-PhD em Sociologia da Educação; Docente do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí; Coordenador do Núcleo de estudos Roda Griô GEAfro. E-mail: musabuakei@yahoo.com

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí; Docente da Universidade Federal do Maranhão; membro do Núcleo de Estudos Roda Griô GEAfro. E-mail: rainsmachado@gmail.com

<sup>3</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Docente da Universidade Federal do Piauí; membro do Núcleo de Estudos Roda Griô GEAfro e do Grupo de Pesquisa Culturas e Identidades no Cotidiano. E-mail: artlenha@yahoo.com.br

events, among others. In school and social education, this role is played by the plot and weaving of dialogues, in which subordinate voices are made evident mainly based on the use of oral production through storytelling.

**Keywords:** *Griô* Wheel. Trajectory. Experiences. Knowledge Contents.

### ***Para abrir a Roda – quem são os griôs?***

*Se queres saber quem sou,  
Se queres que te ensine o que sei.  
Deixa um pouco de ser o que tu és  
E esquece um pouco o que sabes.”  
(HAMPATÉ BÂ, 1981)*

Foi por volta do ano 2010 que iniciamos o nosso grupo de estudos. Nesse grupo as pessoas eram e ainda são muito importantes, por isso quando elas falam procuramos esquecer um pouco o que somos para ouvir, sentir e pensar sobre o que elas são. E, muitas vezes, descobrimos com esse exercício da escuta que todos nós somos bem parecidos, que caminhamos com uma boa dose de audácia, criatividade, resiliência, colaboração e inteligência, que ajudam no desafio de ter que “matar um leão a cada dia” desde a hora em que acordamos. Nestes tempos atuais, dormimos pensando nas tarefas ainda a serem executadas, e acordamos correndo para resolver os desafios do dia. Descansar e pensar, só para depois. Num mundo assim foi sendo construído e ainda está sendo desenvolvido o Núcleo Roda Griô-GEAfró: Gênero, educação e afrodescendência.

Usamos os termos afrodescendentes e afrodescendência para referirmos aos chamados “negros/negras”. Recusamos utilização destes últimos termos por causa de sua negatividade, de acordo com seus referenciais que desumanizam africanas/os e seus descendentes. É uma referência que historicamente inferioriza povos (e suas culturas), ideologiza suas contribuições universais, invisibiliza suas marcas presenciais, naturaliza a escravização de alguns de suas/seus e negativiza sua humanidade. Como instrumento

para compreensão social, a afrodescendência se encontra num ambiente de diversas possibilidades analíticas e uma transversalidade que contextualiza, com uma criticidade apurada e histórica, as realidades africanas. Preferimos este termo devido às suas potencialidades como conceito mais descritivo que ideológico, que enfatiza a historicidade dos povos do continente africano, enquanto provoca problematização de sua(s) história(s), a História de toda a humanidade.

No meio das pessoas historicamente marginalizadas, no Brasil, encontram-se mulheres afrodescendentes de sucesso. Sucesso como conquista relativa, com implicações positivas para a mobilidade social e outras conquistas sociais. Para o Roda Griô-GEAfro, sucesso não refere às condições comparativas entre pessoas. É uma condição/realização individual que cria outras possibilidades para a pessoa e/ou para ela ajudar outras pessoas a realizar sonhos e planos. Foi por isso também, e, especialmente, que o grupo foi criado. Para ouvir essas mulheres. Para pensarmos em como outras mulheres podem ser mulheres de sucesso também, sucesso educacional, que vem, quase sempre, acompanhado de uma luta constante por reconhecimento, respeito, dignidade, liberdade e coragem para ser, sendo mulher afrodescendente numa sociedade com problemas de desigualdades de vários tipos.

Tudo começou quando cinco graduandas do Curso de Pedagogia e duas mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, as primeiras vinculadas ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) dessa mesma universidade, resolveram aceitar o desafio de investigar e estudar sobre "Estórias de brasileiras afrodescendentes de sucesso: diferenciações intergeracionais de raça e gênero na Educação". Esse foi o título do Projeto do PIBIC que se tornou um elo para as contações de histórias nos encontros seguintes, durante os anos de 2011, 2012 e 2013, que passaram a ser intitulados de Roda Griô.

No Projeto daquele primeiro ano, as categorias a serem analisadas diziam respeito às discussões de gênero e raça no Brasil, relacionadas com o campo da Educação, e pretendíamos trazer novas perspectivas dessa problemática, que envolvessem desafios e estratégias enfrentadas por mulheres afrodescendentes na obtenção de sucesso em suas carreiras escolares, desde a infância à idade adulta, quando conquistam títulos de graduação e/ou pós-graduação. O Centro de Ciências da Educação (CCE/UFPI) foi um dos primeiros centros na formação da Universidade Federal do

Piauí, em 1971. Desde então, o CCE tem contribuído com formação inicial e continuada de profissionais da educação escolar, e somente em 2010 estava sendo implantado um grupo de estudos/pesquisa com o objetivo básico de estudar e problematizar questões voltadas às histórias de formação e evolução social do país.

Talvez pudéssemos perguntar: e aquelas mulheres que não obtêm sucesso escolar ou educacional, por que não estariam envolvidas nas discussões? Não pensamos em excluí-las do debate, mas, ao contrário, trazê-las como pessoas possíveis de também refletir sobre as vitórias alcançadas por mulheres em condições socioculturais parecidas com as suas, e vencer esses desafios educacionais. Assim, começamos também a discutir concretizações de políticas públicas brasileiras que atendem a um seguimento da população que sofre com as discriminações, racismos e sexismos. (RIBEIRO, 2008)

Com este artigo, contamos algumas partes das histórias da Roda Griô, suas lutas e inquietações que reúnem pessoas em torno de uma causa, do desejo de que todos possam usufruir de seus direitos sociais; ter dignidade humana e reconhecimento de suas múltiplas capacidades e formas culturais. Propomos resgatar um pouco da trajetória de institucionalização de um espaço acadêmico preocupado em dar visibilidade às pessoas afrodescendentes, e em particular às trajetórias femininas, na tentativa de desconstruir estigmas e preconceitos que ofuscam o brilho e ocultam as potencialidades das/os afrodescendentes.

Como uma colcha de retalhos, pretendemos prestar bem atenção às tramas e urdiduras que possibilitam essa construção. Assim, as novas pessoas que integram singularmente o Núcleo são estudantes nos âmbitos de graduações, pós-graduações, orientações acadêmicas e convidadas ou convidados que às vezes se autoconvidam. E sempre são bem-vindas. Como diz o nome do Núcleo – Roda Griô, como grupo, sempre tem espaço convidativo para mais pessoas, outras individualidades e histórias para contar/escutar. Uma roda tem que funcionar sem fronteiras. Com toda essa participação, conseguimos logo, em 2013, afirmar e institucionalizar nossa existência; formalizar a presença e atuação desses griôs.

Especialmente para os povos Bantos e Malês do continente africano, um/a Griô é contador/a de histórias, as da família própria e da tribo, clã. Cada grupo tem a/o sua/seu Griô oficial. Aproveitando suas competências de cantoria, fala, gesticulação e outras formas de linguagem, essa pessoa, membro íntegro do grupo, tem autoridade de falar

em nome do grupo, enunciar os saberes vigentes, relatar os eventos do passado de modo a valorizar o grupo. Desse modo, Griô é porta-voz do grupo e de si própria/o; através dela/e, conserva-se a memória da comunidade, falam-se as verdades coletivas e se possibilita o diálogo entre os vivos viventes e vivos mortos. Um/a Griô é um ser humano competente e confiável como contador/a de histórias e da história. (LIMA; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2009). E, assim, é um inventor/narrador/artista.

### **... Um núcleo precisava ser o Núcleo Roda Griô-GEAfro: tentando caminhar em griôs**

Em meados de 2013, com muita luta, obtivemos a aprovação do Estatuto e do Projeto de Pesquisa da Roda Griô. Assim, temos agora sua institucionalização como Núcleo. Somos, hoje, uma associação sem fins lucrativos, que pode desenvolver atividades de estudos, investigações científicas, publicações, projetos socioculturais e formação nos campos da Educação, seja esta vinculada à Sociologia, à Pedagogia, à Psicologia, aos Direitos Humanos, às Políticas Públicas, Comunidades Quilombolas e ao Ensino da Arte, especificamente, no que tange às discussões sobre gênero e afrodescendência.

A institucionalização da Roda Griô corresponde à sistematização dos resultados das inúmeras reuniões e atividades desenvolvidas durante os anos de 2010 a 2013, mediante o desejo de construir um espaço rico em diálogo e troca de experiências, saberes e aprendizagens, um conjunto de “conhecimento explicitamente crítico dos processos identitários e históricos afrodescendentes, das relações de gênero e das educações escolar e social” (RODA GRIÔ GEAfro, 2012, p. 6). Roda Griô é oportunidade, é convite, usando linguagens diversas para se educar, ajudando na deseducação, reeducação e educação de outras. Um espaço que, conforme descrito no projeto, possa oportunizar:

- a) estudos sistemáticos e compartilhar pesquisas sobre gênero, educação e afrodescendência;
- b) debates em torno dos desmembramentos destas temáticas em consonância com as lutas das populações brasileiras afrodescendentes e as leis deste país, tais como a Constituição Federal (BRASIL, 1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.694/1996 (BRASIL, 1996), as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 (BRASIL, 2003; 2008); Estatuto da Igualdade Racial, Lei 12.288/2010 (BRASIL, 2010).

- c) eventos informativos e construtivos com relação às nossas histórias de afrodescendentes, intitulados “Roda Griô” dentro do âmbito educacional escolar e social teresinense e/ou piauiense, mais precisamente com parceria da Universidade Federal do Piauí;
- d) na academia, a compreensão sobre a importância dos temas que envolvam a condição de ser mulher e homem, da afrodescendência com suas barreiras e sucessos educacionais, sociais, profissionais, culturais e suas relações com a Mãe África;
- e) a discussão sobre a incorporação dos temas abordados pelo Grupo RODA GRIÔ GEAfro na formação das(os) professoras(es);
- f) diálogo com outras áreas do conhecimento e a sociedade sobre questões de gênero, educação e afrodescendência. (RODA GRIÔ-GEAfro, 2012, p. 7)

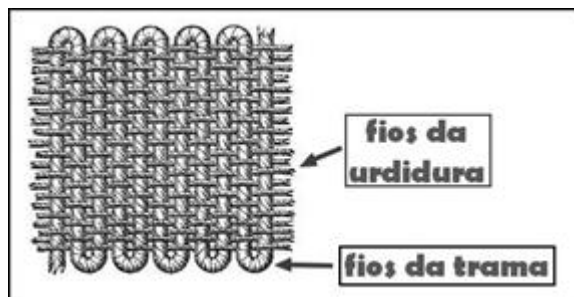
A Roda Griô quer dizer aprender com o outro, com as histórias de outrem! As/Os Griôs são contadoras e contadores de histórias, de experiências. Trata-se de uma invenção de mistura de saberes, uma quebra de paradigmas, de hierarquias, de imposição e homogeneização de culturas para tentar reconhecer outras pedagogias, outros modos de conhecer e legitimar conhecimentos e experiências. Nessa perspectiva, todas as pessoas são reconhecidas como depositárias de **saberes** (contextualizados) e **práticas** (relevantes) – tecidas como fios de memórias e estudos ou investigações que não se separam das afetações vivenciadas.

Por isso, a Roda Griô é um espaço de troca, de fala, de escuta, em que as aprendizagens acontecem num emaranhado de redes tecidas em negociações e/ou conflitos, porque se utilizam dos fios que cada um e cada uma constroem, a partir de suas vivências. Vivência, “componente fundamental da experiência”, é

sua capacidade de formação ou de transformação. É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. (BONDÍA, 2002, p. 25-26).

Nem sempre todas e todos precisam concordar com essas construções (saberes e práticas). O modo pelo qual esses saberes são partilhados está organizado em **duas modalidades de atividades**, ou metaforicamente, há dois tipos de linhas: **urdidura e trama (Figura 1)** – fios/urdiduras horizontais e os fios/trama que passeia por entre as urdiduras; suas intersecções viabilizam um produto fortalecido pela integração “harmoniosa” de elementos diferentes que formam um tecido multicolor e de plurifibra.

**Figura 1** – página 06



**Figura 1:** Esquema da formação de um tecido, com trama e urdume (urdidura).

Fonte: Imagem disponível em: <<http://www.calçajeans.com/wp-content/uploads/2012/08/trama-urdidura.jpg>>.

Acesso em: 17 out. 2013.

### ... Em encontros quinzenais nos fizemos urdiduras

Uma modalidade, os fios horizontais, a urdidura (Quadro 1 e Quadro 2), diz respeito aos encontros quinzenais.

**Quadro 1**

PERÍODO	ATIVIDADE	RESPONSÁVEL
Agosto	- Proposta semestral - Nossas pesquisas - PENDÊNCIAS Apresentação: “A socialização que produz o fracasso escolar”	TODOS - Francis
	Apresentações - Gênero, sexualidade, educação e AFRODESCENDÊNCIA. Textos básicos das pesquisas de mestrado	Ana Carol, Haldaci, Lucienia e Raimunda Gomes
Setembro	Apresentações - Um projeto em elaboração: experiências e expectativas - “Rap de quebrada: construção de sentidos e saberes pelos grupos de rap – Irmandade e ‘Reação do Gueto’ de The.”	- Adriana - Vicelma
	Apresentações - “Povo bom de Cancela – identidade e afrodescendência: o que a escola tem com isso?”	- Elizete Dias
Outubro	Apresentações Referente às atividades do Dia 20 de novembro	Elizete; Ana Carolina, Lucienia, Meire, Ranchimit, Regina
	Apresentações - “Arte afrodescendente a partir de três olhares de educadoras em Teresina”.	Francilene Brito
	Apresentações	- Lucienia

	- Resiliência e mulher afrodescendente – pesquisa em desenvolvimento - As educações e construção de identidades numa comunidade rural afrodescendente.	- Raimunda Gomes
Novembro	Apresentações - Matizes: espaço e agência de afirmação de identidades de sexualidade. - Educação no terreiro: conteúdo e implicações socioculturais.	- Ana Carolina -Haldaci
	- <b>Realização do Seminário 20 de novembro (em 9 de novembro de 2012)</b>	TODOS
Dezembro	<b>AVALIAÇÕES – caminhando pra mais CRESCER!!</b> Núcleo de Estudo RODA GRIÓ – o que é? - Quais os seus significados?	TODOS

**Quadro 1** – Urdidura dos estudos e atividades do 2º Semestre de 2012. Fonte: Quadro produzido por Francis Musa Boakari, após acordo no grupo de estudos quinzenais. 2012.

### Quadro 02

PERÍODO	ATIVIDADES	RESPONSÁVEIS
Janeiro	Socialização dos artigos para Revista IFARADÁ	Todos/as
	Esboço do Projeto do I Encontro GEAFro (Gênero, Educação e Afrodescendência) – RELATO	Lucienia, Raimunda M. e Nelson
	Apresentação sobre a dissertação	Lucienia
	Estudo da obra: Pele Negra Máscaras Brancas de Frantz Fanon – <b>Introdução – p. 25</b>	Francis Musa Boakari
	Frantz Fanon – <b>Cap. 1: O negro e a linguagem – p. 33</b>	Raimunda Machado
Fevereiro	Frantz Fanon – <b>Cap. 2: A mulher de cor e o branco – p. 53</b>	Adriana
	Frantz Fanon – <b>Cap. 3: O homem de cor e a branca – p. 69</b>	Ana Carolina
	Estudo independente – tema de interesse específico	Raimunda Machado
	Missa em Ação de Graças pelos 25 anos de Vida Religiosa da Ir. Elizete	Meire Michelle
	Frantz Fanon – <b>Cap.4: Sobre o pretenso complexo de dependência do colonizado – p. 83</b>	Poliana
	Estudo independente – tema de interesse específico	Regina
Março	<b>RODÃO</b> em comemoração ao Dia Internacional da Mulher (A Mulher na História) – <b>realização de Seminário em 8 de março de 2013</b>	Adriana
	Texto no jornal – entregue para Prof. Francis – 22/02/2013	Nelson + Equipe PIBIC
	Estudo independente – tema de interesse específico	Haldaci, Ana Carolina e Poliana
	Frantz Fanon – <b>Cap. 5: A experiência vivida do negro – p. 103</b>	Ranchimit
	Estudo independente – tema de interesse específico	Raimunda Gomes
Abril	Frantz Fanon – <b>Cap. 6: O preto e a psicopatologia – p. 127</b>	Elizete & Lucienia
	Estudo independente – tema de interesse específico	Michele + Tatiana
	Frantz Fanon – <b>Cap. 7: O preto e o reconhecimento – p. 175</b>	Raimunda Gomes
	Frantz Fanon – <b>À guisa de conclusão – p. 185</b>	Haldaci
	Estudo independente – tema de interesse específico	Ranchimit

**Quadro 2** – Urdidura dos estudos e atividade do 1º Semestre de 2013.

Fonte: Quadro produzido por Raimunda Nonata da Silva Machado, após acordo no grupo de estudos quinzenais. 2013.



Esses encontros quinzenais acontecem num formato de sessões de estudos, distribuídas por temas ou blocos de estudos gerais e/ou específicos. São eles:

a) Estudo e discussão coletiva de um tema geral, a partir de uma obra, capítulos dessas, e/ou textos de revistas especializadas;

b) Estudo e discussão coletiva de temas específicos, a partir do interesse de cada “Griô” (questões do cotidiano que instigam reflexões e objetos de estudo de monografias, dissertações e teses, aspectos, formas ou conjuntos que nos afetam em nossas tentativas de aprendizagem no/com/para o mundo, a sociedade e a cultura).

Um dos primeiros encontros de que se tem registro na Roda Griô foi realizado no dia 06 de setembro de 2010, na sala 419 do Centro de Ciências da Educação da UFPI, tendo a participação de professores e estudantes. Para citar alguns nomes: Francis, Ileana, Elizete, Meire Michele, Maura, Ruhama, Iana e Francilene. As reflexões do grupo tiveram início a partir de questionamentos como: Quem sou eu? Por que estou aqui? Quais as pretensões de minhas pesquisas e da formação do grupo neste segundo semestre de 2010? Algumas das expectativas foram registradas coletivamente, como: sendo importante que “mestrandas ajudem na comunicação para compreender e entender melhor a pesquisa”, a atitude de “fazer perguntas ajuda mais que dar respostas. É importante ter um objetivo” e, sobre quem sou eu, “o importante é ter controle do que você é”. Nesse encontro foi possível definir um calendário, mantendo um dia e horário para a Roda Griô, estudos para os próximos encontros, como, por exemplo, o Projeto do PIBIC: “Estórias de brasileiras afrodescendentes de sucesso: diferenciações intergeracionais de raça e gênero na Educação” (BOAKARI, 2010) e a discussão do conteúdo das entrevistas realizadas e das bibliografias do projeto. Dentre os encontros quinzenais mais recentes, podemos destacar aqueles incluídos nos: **Quadro 1** e **Quadro 2**. Lembramos esses fatos porque dizem muito dos tipos de fios tecidos e de suas calorosas cores.

Sendo **urdidura (urdume)**, os encontros quinzenais são espaços/linhas que nos ajudaram e ajudam a dar um sentido às outras atividades que acontecem, sendo sempre planejadas, um cotidiano que, apesar de sua aparência linear, se refaz em obliquidades, transgressões e sentidos outros. Os urdumes (encontros quinzenais) não são eventuais, são momentos que norteiam a **trama**, os **eventos/atividades** ou os Encontros da Roda,

pois essa trama vai perpassando as reflexões da urdidura. Vai permitindo a entrada de novas linhas, novos fios de experiências através das contações ou estórias vivenciadas nesses dias de encontro. No ano de 2013, em que realizamos o **I Congresso sobre Gênero, Educação e Afrodescendência: conquistas, experiências e desafios** (I CONGEAfro), este aconteceu como uma trama bem colorida e instigante para aprendermos e apreendermos mais sobre nós mesmas/os, e, sobretudo, como um desafio de articulação nacional com partícipes/tramas que aceitaram o desafio de unir-se a essa urdidura. Unir saberes e práticas, para não desperdiçar experiências. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. (BONDÍA, 2002, p.21).

A trama chamada **modalidade de atividades ou eventos** da Roda Griô, registrada no **Quadro 3**, é desenvolvida por meio dos dispositivos de eventos científicos, como: palestras com debates, seminários, oficinas e minicursos. Participação dessas atividades é sempre aberta às comunidades universitária e não-universitária, porque entendemos que todos precisamos nos conhecer e partilhar as pesquisas e a própria vida. Como bem lembra Boaventura de S. Santos (2010b, p.80), “todo conhecimento é autoconhecimento”. Na roda, socializamos saberes para firmar conhecimentos e problematizar vivências.

**Quadro 03**

ANO	PERÍODO	EVENTO OU ATIVIDADE
2010	18 e 19 de novembro	<b>Roda Griô</b> “Mulher Afrodescendente: debates sobre raça, gênero e Educação”
2011	13 de maio	<b>Roda Griô</b> “a abolição e AS ABOLIÇÕES”
	15 de abril	<b>Roda Griô</b> “O Papel da (o) Pesquisadora (r) na Globalização Perversa: Impasses e Desafios” <b>Roda Griô</b> “Saber, Pesquisa e Atuação Social”
2012	11 de maio	<b>Roda Griô</b> "A abolição: e A Terra?"
	09 de novembro	<b>Roda Griô</b> “Lei, gênero e afrodescendência”
2013	08 de março	<b>Roda Griô</b> “História das Mulheres: rompendo silêncios e invisibilidades”
	06, 07 e 08 de novembro	<b>Roda Griô</b> I Congresso sobre Gênero, Educação e Afrodescendência – I CONGEAfro ( <u>em organização</u> ) – realizado com mais de 700 participantes de nível nacional. O II CONGEAfro está sendo planejado para o ano de 2015.

**Quadro 3:** Trama dos eventos ou atividades durante os anos de 2010 a 2013.  
Fonte: Produzido pelos autores.

Figura 2



Figura 2: Imagens de cartazes publicados em eventos para as Rodas de conversas: as/os Grãos falam através destas imagens; as/os verdadeiras/os estudantes aprendem destas fontes vivas.

Fonte: Acervo do Núcleo Roda Grão GEAFro. 2013.

### ... E a Roda gira em tiras de tramas e sabe o que quer alcançar

Para que esses eventos pudessem ser tecidos a partir das práticas daquelas e daqueles que frequentam os estudos quinzenais e das pessoas que não frequentam esses estudos, a intenção da Roda Grão era a de dessubalternizar saberes e expandir horizontes de conhecimentos (MIGNOLO, 2003, p. 29) e investigações. Para tanto, traçamos alguns objetivos.

### Objetivos:

- Promover debate sobre a realidade da mulher afrodescendente;
  - Tornar conhecido o Grupo e socializar o trabalho que vem sendo desenvolvido sobre a mulher afrodescendente;
  - Provocar debates sobre o dia da “Consciência Negra” como Consciência Brasileira.
- Como objetivo guia, tínhamos – Romper com os silêncios em torno da afrodescendência e das/os afrodescendentes.

Os períodos e os eventos, durante esses anos tecidos, significaram para cada uma, e cada um, daqueles que participaram, uma possibilidade de constantes aprendizagens. Aprender sobre si própria/o, sobre as/os outras/os, os mundos e as interações entre estas categorias. Além disso, aprendemos a cada encontro porque somos todos estudantes, e os títulos acadêmicos só fazem diferença quando tecemos fios de contínuo compartilhar. Nesse ínterim, diante dos eventos, desenvolvemos imagens (**Figura 2**) de cartazes e fotos que divulgaram esses encontros, produzidos como outros tipos de saberes no próprio grupo, configurando um registro visual do que fiamos e compomos desse tecido Roda, até o fim de 2013.

### **Sem concluir...**

**O lugar da partida é o mesmo da chegada... Para continuar a caminhar caminhando...**

*A história é o arquivo,  
é o desenho do que somos e deixamos de ser,  
enquanto o atual é o esboço daquilo em  
que vamos nos tornando.*  
Gilles Deleuze, 1996.

As histórias recontadas e revividas na Roda são as mesmas que nos fazem partir e chegar ao que estamos nos tornando. Procurando ser melhores que somos agora.

As narrativas presentes nas diversas atividades da Roda Griô contam histórias globais e locais, as quais provocam reflexões sobre o “imaginário colonial/moderno” (MIGNOLO, 2003), questionando seus significados, sua legitimidade, seu monopólio sobre as “zonas epistemológicas”, porque não podem existir distinções hierárquicas dos saberes entre os griôs. Esses saberes são produzidos na razão subalterna que interage com a lógica da ciência na luta para dar visibilidade aos conhecimentos e experiências que foram desperdiçados na “zona colonial” (SANTOS, 2010a). Das vozes das Rodas se constroem as forças das/os Griôs.

A razão subalterna é aquela que questiona literaturas escritas na perspectiva dominante, eurocêntrica, tentando desconstruir ou distanciar-se de significados forjados no e a partir do contexto de conquista e expansão colonial, para “colocar em primeiro plano a força e a criatividade de saberes subalternizados” de homens e mulheres afrodescendentes.

As narrativas dos Griôs constituem esse tipo de razão e mostram: a complexidade da realidade social; que não há um único e homogêneo processo de dominação cultural; que a luta pelo reconhecimento das diversas subjetividades e formas culturais é mais bem compreendida nas conexões entre saber e poder; que os preconceitos, os etnocentrismos, as produções hierárquicas, discriminações e injustiça são resultados de uma complexa relação de poder numa tentativa de demarcar posições sociais privilegiadas, com usufruto desigual dos bens culturais da humanidade, fortalecendo as desigualdades locais.

Logo, contar histórias é mais que rememorar, é desvendar conexões arbitrárias de saber e poder; é a possibilidade de ouvir e registrar vozes de grupos subalternos, vozes marginalizadas e, historicamente, submetidas à invisibilidade, aos cânones das pesquisas tradicionais; é conhecer a si mesmo com e através do outro, libertando-se dos grilhões eurocêtricos! Contar nossas histórias de CONQUISTAS, e das/com outras, de experiências e desafios, é transgredir uma ordem de colonialidade; é, sobretudo, inventar-se e às outras pessoas.

O caminho, então, está se fazendo com fios que exigem a força da coesão daquelas pessoas que não desistem e que insistem em não fechar a roda do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BOAKARI, F. M.. Estórias de brasileiras afrodescendentes de sucesso: diferenciações inter-geracionais de raça e gênero na educação. **Projeto, Programa de Bolsa de Iniciação Científica, CNPq/UFPI**, Teresina: UFPI, Coordenação Geral de Pesquisa (CGP), 2010.

BONDÍA, J. L.. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. No. 19, jan./abr. 2002, p. 20-28.

LIMA, T.; NASCIMENTO, I.; OLIVEIRA, A.. **Griots – culturas africanas: linguagem, memória, imaginário**. Natal: Lucgraf, 2009.

MACHADO, R. N. da S.. **MULHER NEGRA: ressignificando o discurso no espaço escolar**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Luís: UFMA, 2008.

MIGNOLO, W. D. **Histórias locais / Projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

RIBEIRO, M.. Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização. **Estudos feministas**. Florianópolis, 16(03), set./dez., 2008, p. 987-1004.

RODA GRIÔ GEAfro. **Projeto do Núcleo de Estudos Roda Griô: Gênero, Educação e Afrodescendência – Roda Griô Geafro**. Teresina, PI, 2012. Mimeo.

\_\_\_\_\_. **Estatuto do Núcleo de Estudos Roda Griô: Gênero, Educação e Afrodescendência – Roda Griô Geafro**. Teresina, PI, 2012. Mimeo.

SANTOS, B. de S.. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010a.

\_\_\_\_\_. **Um discurso sobre a ciência**. 7.Ed. São Paulo: Cortez, 2010b.

SILVA, F. B. da. **Arte afrodescendente a partir de três olhares de educadoras em Teresina**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina: UFPI, 2011.